

PODER SUAVE

(*SOFT POWER*)

ARTE AFRICANA • ARTE MILENAR CHINESA •
ARTE RENASCENTISTA • BALÉ RUSSO •
BOLLYWOOD • BOSSA-NOVA •
BRITISH INVASION • CARNAVAL •
CULTURA MAG JAPONESA • HOLLYWOOD •
MODA FRANCESA • TANGO • TELENOVELAS

Franthiesco Ballerini

SUMÁRIO

Prefácio 11

1. Poder suave: a força mais eficiente do mundo 13
 - O nascimento do conceito 16
 - Erodindo o poder suave 19
 - Um poder sem rédeas do governo 22

2. Trocas pessoais de poder suave: o poder simbólico 27
 - Instrumentos de dominação 30
 - Disputa de poder 33
 - Posições sociais 36

3. Hollywood: o grande poder suave 39
 - Como os estúdios dominaram o mundo? 42
 - Star system e studio system 43
 - A cereja do bolo: o Oscar 43
 - O colapso dos estúdios: a televisão 44
 - O reino das franquias 46
 - Muralhas anti-Hollywood 47
 - Invasão chinesa 48
 - Exceção cultural 50
 - Séries de TV: uma nova era de ouro 52
 - Controlando os astros disfarçadamente 54
 - Os temas proibidos 55
 - Ligações perigosas 57

4. Bollywood: a Índia ganha as telas do mundo 63
 - Onde os astros são deuses 67
 - Do Irã à União Soviética 70
 - Do Afeganistão ao Senegal 72

5. China: reciclando seu poder suave milenar 75
 - A arte milenar e seu poder no século 21 77
 - Esculturas e pinturas 79
 - O dragão em busca de um novo poder suave 81
 - O Instituto Confúcio 82
 - Indústria audiovisual: o próximo poder suave chinês? 84
 - Guerra cultural 86

6. O maior espetáculo da Terra 89
 - A economia do carnaval 92
 - A imagem carnavalesca no mundo 94
 - Os limites do poder suave do carnaval 96
 - Exportando o carnaval 98

7. Telenovelas: o poder suave brasileiro e mexicano do século 20 101
 - As origens do poder suave novelesco 104
 - Projac: a Hollywood brasileira 106
 - Quando uma novela interrompeu uma guerra 108
 - Novelas como armas sociais 110
 - A ameaça do novo controle remoto 113

8. Bossa-nova e tango nos ouvidos do mundo 115
 - O suave som de uma “revolução silenciosa” 118
 - Adeus à brejeirice de Carmen Miranda 119
 - Nova bossa-nova 122
 - Tango: dos pés aos ouvidos do planeta 123
 - De Gardel a Piazzolla 125
 - Ritmo milionário 127

9. A invasão britânica sem armas 129
 - Preparando a invasão 132
 - O maior produto de exportação britânico 132
 - A segunda invasão 135
 - Lennon *versus* Stálin 138

10. Cultura MAG: o Japão no mundo	141
Quando a política abraça o poder suave	144
Hello Kitty: embaixadora do turismo	145
Hallyu: o poder suave da Coreia do Sul	149
11. A França veste o mundo	155
Luís 14: o rei da moda	158
Alta-costura: patrimônio francês	159
A economia da moda	162
12. A dança do poder da Rússia	165
As origens do poder do balé russo	169
Bolshoi: o ícone do balé russo	172
Entre sapatilhas e rifles	173
O Bolshoi no Brasil	175
13. Arte africana: poder suave saqueado	177
Arte moderna: Europa e Estados Unidos curvam-se ao poder suave africano	181
Museus ocidentais em xeque	182
Século 21: África de novas formas e conceitos	186
14. Arte renascentista: a ponte para o mundo moderno	189
Aliança de poderes: arte e Igreja	194
Florença: o berço renascentista	197
O nascimento das belas-artes	197
Posfácio – O poder de modelar as preferências do mundo	199
Referências	204

PREFÁCIO

Eu não poderia, num momento tão importante de nossa história, deixar de lembrar como encontramos o cinema e o audiovisual no Brasil no início do governo Lula (2003). Seria imperdoável não fazer um retrospecto dessas últimas gestões, mesmo que ele seja compacto. Eu não poderia, enfim, me furtar a pontuar esse desafio.

Estamos diante de um tema que merece muitos estudos e publicações como este *Poder suave*. E, mais que isso, precisa tornar-se mais visível para o grande público, em seus resultados e em seus efeitos. O audiovisual brasileiro se encontra em um momento excepcional. Os cinemas do país receberam mais de 150 milhões de espectadores em 2015 e centenas de novas salas foram abertas. Chegamos a 20 milhões de clientes de TV por assinatura.

Quando Lula tomou posse como presidente e nomeou Gilberto Gil ministro da Cultura, vivíamos em um país sem cinema nem políticas para o audiovisual; havia poucos filmes em circulação. Faltavam-nos rosto e alma nesse que é um imenso campo de expressão das linguagens artísticas contemporâneas. Não tínhamos o orgulho que hoje temos de nos ver nas telas. A nossa inquestionável competência na realização de documentários é a maior evidência do que aqui se diz. Éramos incapazes de nos reconhecer, incapazes de dialogar em igualdade de condições com a produção audiovisual de outros países. O dado mais revelador disso tudo é que produzíamos menos de uma dezena de filmes por ano. Em curto espaço de tempo, entretanto, superamos em muito a marca de uma centena e meia de filmes anualmente. O audiovisual brasileiro já tem uma das políticas setoriais mais fortes do mundo. Estamos falando de uma economia que movimenta alguns bilhões de reais.

As nossas novelas são possivelmente o melhor exemplo das políticas que este livro abrange. O sucesso de sua significativa exportação sintetiza todas as contradições da presença maciça de uma força cultural sobre uma realidade que não é exatamente a sua. As telenovelas nos colocam diante da afirmação de uma visão de mundo e de um modo de vida de que não podemos nos furtar. Ainda mais porque sabemos que, por meio de nossas expressões culturais, podemos, sim, afirmar projetos de civilização fundados em estratégias generosas e abrangentes. Podemos ser portadores de uma

mensagem planetária singular. Mas também podemos, mesmo não sendo esse o nosso caso, comportar-nos como imperialistas, sem respeito à cultura do outro e sem com ela dialogar. Não podemos ignorar que o pensamento hegemônico se firma por meio de um permanente estado de negociação no campo das mentalidades.

Lembro-me de o então ministro Gilberto Gil destacar, ainda no início de sua gestão, assim como faz este *Poder suave*, como os norte-americanos se valeram do cinema; como a sua bandeira acompanhou seus filmes, não apenas pelo que ele representa em sua dimensão artística, mas sobretudo como mecanismo de consolidação de uma hegemonia, formando uma imagem e reproduzindo valores que, em última instância, se traduzem em poder político e também econômico. Pelo cinema e pela música, os americanos naturalizaram seu modo de vida e sua visão de mundo.

Se, de um lado, tais fatos nos revelam a dimensão social, política, econômica e cultural do cinema e do audiovisual para um povo, de outro nos faz perceber que o reconhecimento de sua importância para a consolidação de seu poderio econômico fez dos americanos controladores da esmagadora maioria desse mercado.

Povos e nações precisam se manifestar e se reconhecer por meio de suas expressões culturais. Como fazê-las chegar regularmente a todos os cantos do planeta? Essa é a grande questão que precisamos enfrentar neste século.

É impossível minimizar a importância do audiovisual numa era em que os receptores eletrônicos estão no bolso de cada um, podendo ser acessados a qualquer instante, praticamente em qualquer lugar. Em que todos somos produtores de conteúdos audiovisuais. A produção cinematográfica contemporânea se alterou de modo substancial nas duas últimas décadas. É um fato. Os canais alternativos de exibição aumentaram, mas, como tal, continuam alternativos. Sua distribuição e difusão permanecem concentradas.

Parece não haver outro meio para superar o gargalo da exibição e da circulação dos conteúdos audiovisuais senão garantir o melhor aproveitamento público do ambiente digital, oferecendo toda a liberdade criativa para as novas mídias, linguagens e estéticas que emergiram nos últimos anos e surgirão nos próximos, redefinindo a própria cultura.

Ocupar o circuito de salas de cinema e as grades de exibição dos sistemas aberto e fechado de TV já foi considerado o grande objetivo da indústria audiovisual brasileira. Hoje, esse objetivo se expande, “suavemente”, com a ocupação de todos os canais disponíveis, em todas as mídias, por meio de todos os dispositivos.

JUCA FERREIRA
Ministro da Cultura do Brasil
2008-2010
2015-2016

1. PODER SUAVE: A FORÇA MAIS EFICIENTE DO MUNDO

O poder é como o amor: mais fácil
sentir do que definir ou medir.

JOSEPH NYE



Atribui-se ao décimo sexto presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, a frase: “Quase todos os homens são capazes de suportar adversidades, mas se quiser pôr à prova o caráter de um homem, dê-lhe poder”. O pensamento do presidente que aboliu a escravidão em seu país, em 1863, pode também ser transposto para o âmbito das relações internacionais: o tipo de poder utilizado por uma nação ou por um governante resultará nas qualidades atribuídas a esse país ou líder. E, desde que nossa espécie se levantou do chão e construiu as primeiras armas, o poder mais recorrente de todos os povos é a violência, a dominação pelas armas e pelo dinheiro. Porém, é raro – ou talvez inexistente – o povo ou a nação que receba tal tipo de dominação de braços abertos ou que, mesmo dominado, não produza líderes ou “rebeldes” com sede de vingança. Em outras palavras: esse tipo de poder, o poder duro (*hard power*), é a mais primitiva e ineficaz das forças humanas.

Por séculos, a instituição mais eficiente da Terra foi a Igreja católica. Se a Inglaterra dominou parte considerável do mundo com armas, dinheiro e comércio, tal poder cedeu e ruiu com as lutas pela independência. Já Roma continua dominando muitos cantos do mundo sem precisar de armas. Seu poder mais eficiente é a fé. Ao contrário das armas, a fé seduz. É claro que a Igreja fez alianças com os donos do poder duro em diversos momentos e cantos do mundo. Porém, quando isso é revelado – ou exposto abertamente, como na época da Inquisição –, o poder de sedução da fé católica cai enormemente. A fé, assim como o futebol, a ciência, a língua e, finalmente, a cultura, constitui exemplo de poder que seduz – sendo, portanto, o mais eficiente em manipular uma multidão sem precisar aplicar força bruta.

Estamos falando, portanto, do poder suave (em inglês, *soft power*). Ele sempre existiu, talvez antes até dos filósofos gregos. Mas foi quando o mundo se dividiu em dois poderes duros – o capitalista e o comunista, durante a Guerra Fria – que o poder de persuasão se tornou mais evidente. Afinal, nem todo o poderio bélico da União Soviética evitou que ela se esfacelasse de dentro para fora. E não foi a

força militar dos Estados Unidos que garantiu, sozinha, a vitória do seu sistema. Outro poder, muito mais eficiente – pois sedutor –, fez o modo de vida americano se infiltrar por entre as fronteiras comunistas, acelerando a implosão soviética. Esse poder se chama Hollywood.

A fé, a ciência, a língua e o esporte também são incontestáveis formas de poder de persuasão, mas nesta obra vamos nos debruçar sobre a talvez mais sofisticada, complexa, secular e rentável forma de poder suave: a cultura. Muitas são as definições desse termo, mas aqui trabalharemos com um recorte específico de cultura, sendo ela definida por tudo que seja arte e/ou entretenimento.

Antes de mergulhar nas formas mais eficientes de poder suave ao redor do mundo, porém, é fundamental entender por que ele é a forma mais inteligente de dominação deste e dos próximos séculos.

O nascimento do conceito

Foi no fim dos anos 1980, nos capítulos finais da Guerra Fria, que o cientista político norte-americano Joseph Nye definiu e explicou essa forma de poder tão antiga na história da humanidade. Uma das primeiras aparições do termo *soft power* se deu em seu livro *Bound to lead: the changing nature of American power* (1990), no qual analisava justamente aquele momento em que o poder bélico e nuclear talvez não fosse mais o grande diferencial dos Estados Unidos.

“O Nye inovou o campo das relações internacionais, pois vínhamos de um período muito quadrado da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, um período que chamávamos de ‘realismo clássico’, em que o que importava era o poder. Embora tenha surgido a Liga das Nações, acabou ocorrendo a Segunda Guerra. Depois, a Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada, mas houve a corrida armamentista. Fazia sentido pensar num mundo em que o poder clássico era o mais importante. Porém, nos anos 1980 o cenário foi mudando e o poder explicativo do realismo clássico começou a ser questionado. Então o Nye surgiu com a visão de que os atores não estatais – como organizações não governamentais, movimentos verdes etc. – têm um peso mundial muito grande. O conceito de poder suave nasce no fim da Guerra Fria e marca o começo da hegemonia americana”, contextualiza Gunther Rudzitz, doutor em Ciência Política e mestre em Segurança Nacional pela Georgetown University. É importante ressaltar, no entanto, que Nye não construiu seu conceito do zero. Alguns estudiosos consideram que ele atualizou a teoria do italiano Antonio Gramsci (1831-1937), que dividia os países em aqueles que exerciam um poder de “hegemonia dirigente” (no campo da cultura e das ideias) e os de “hegemonia dominante” (no campo militar).